



XIV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU

A Gestão do Conhecimento e os Novos Modelos de Universidade

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
3, 4 e 5 de dezembro de 2014.

ISBN: 978-85-68618-00-4

CARACTERIZAÇÃO DOS DISTRITOS DE INOVAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Catarina Erika Saito

Universidade Federal de Santa Catarina

catarinasaito@gmail.com

Álvaro Guillermo Rojas Lezana

Universidade Federal de Santa Catarina

alvaro.lezana@ufsc.br

Resumo: medidas concretas para a redução das desigualdades entre as regiões brasileiras e a promoção da equidade no acesso a oportunidades de desenvolvimento são necessárias para se construir uma nação rica. O desenvolvimento de uma região está atrelado a diversos fatores e aspectos, mas o objetivo deste trabalho é voltado especificamente em caracterizar e analisar os Distritos de Inovação no processo de desenvolvimento regional em Santa Catarina. O método aplicado no estudo foi qualitativo, descritivo e exploratório. Os resultados apontam o papel estratégico da tripla hélice universidades, governo e empresas e o papel de cada um para um ambiente de inovação e para o desenvolvimento regional, muitas vezes resgatando a vocação da atividade produtiva local valorizando os aspectos e cultura locais.

1. Introdução

Na busca de transformar cidades catarinenses em um ambiente máximo de inovação, o governo do estado de Santa Catarina/Brasil lançou em 2011 o Plano SC@2022 na busca de construir um novo modelo econômico e produzir um equilíbrio entre os interesses socioeconômicos da população e da natureza. Nesse Plano, estão inclusos quatro principais programas, que tem como objetivos (GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2013):

- **novaeconomia@sc:** Aumentar a competitividade da economia catarinense, com foco nos microempreendedores individuais (MEIs) e micro e pequenas empresas (MPes), que representam 99% dos empreendimentos catarinense. Os projetos serão realizados em parceria com o Sebrae/SC.
- **educação@sc:** Preparar capital humano necessário para levar Santa Catarina ao Estado Máximo de Inovação e qualidade de vida por meio de programas educacionais para inovação e sustentabilidade.
- **meioambiente@sc:** Conciliar o crescimento econômico com a preservação do meio ambiente, por meio da implantação de uma agenda ambiental estratégica, de modo a garantir geração de trabalho e renda, proteção da biodiversidade e dos recursos naturais do território catarinense.

- inovação@sc: Estruturar e gerenciar a Política de Inovação Tecnológica do Estado de Santa Catarina, de forma a promover o desenvolvimento econômico, social e ambiental do estado. Coordenar um sistema de informações estratégicas, com ações estruturantes em prol da inovação tecnológica nas empresas catarinenses, e que articule e crie sinergia entre Governo, Universidades, Empresas e organizações da sociedade civil. O programa estabelecerá parcerias estratégicas com centros de referência, nacionais e internacionais, para colocar Santa Catarina na vanguarda a inovação.

Na área de Ciência e Tecnologia, o Programa inovação@sc engloba, além dos Projetos Sinapse da Inovação, Centros de Design Digital e Trabalho para Inovação, destaca-se o projeto Inova@sc, que tem como objetivos (GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2013):

- Articulação e suporte ao desenvolvimento de Pólos e Distritos de Inovação, Parques Tecnológicos, Incubadoras de Empresas e Núcleos de Inovação Tecnológica, a partir de um diagnóstico da infraestrutura e do funcionamento do sistema de inovação existente em Santa Catarina;
- Definição e estruturação de Clusters de Inovação; e
- Estratégias de captação de investimentos nas áreas acadêmica, científica, tecnológica e empresarial.

O projeto é responsável ainda pelo lançamento de Distritos de Inovação (DI) em 11 municípios catarinenses: Joaçaba, Lages, São Bento do Sul, Blumenau, Jaraguá do Sul, Florianópolis, Joinville, Itajaí, Criciúma, Tubarão e Chapecó (INOVA@SC, 2013a).

O DI como um sistema de inovação local é baseado na tríplice hélice: governo, universidade e empresa, onde o papel da Universidade é de gerar e disseminar conhecimentos e tecnologias que as empresas irão disponibilizar à sociedade em forma de produtos e serviços inovadores. Já o papel do governo é articular políticas governamentais a fim de garantir a estabilidade dessa relação.

De forma planejada estrategicamente, o DI tem um papel fundamental no que tange ao desenvolvimento regional. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo caracterizar e analisar o Distrito de Inovação no processo de desenvolvimento regional em Santa Catarina.

2. Método

A pesquisa desenvolvida neste artigo representa um estudo bibliográfico, qualitativo, exploratório e descritivo em relação ao contexto que compreende os Distritos de Inovação de Santa Catarina, que em sua grande maioria são propostas de gestão em fase de planejamento e desenvolvimento, e por esse motivo, os dados levantados compreendem basicamente dados secundários relacionados ao conhecimento da concepção que está sendo adotada para os Distritos de Inovação Catarinenses.

3. Teorias do desenvolvimento regional

Segundo Lima e Simões (2010), o processo de desenvolvimento econômico é um processo bastante irregular, ou seja, não ocorre de maneira igual e simultânea. Possui característica de fortalecer áreas mais dinâmicas e que apresentem maior potencial de crescimento uma vez que o processo de desenvolvimento econômico é iniciado. Nesse sentido, segundo os autores, “a dinâmica econômica regional torna-se objetivo de estudo

bastante complexo dadas as interrelações existentes dentro e entre diferentes localidades e sua importância para a coesão da economia nacional” (LIMA; SIMÕES, 2010, p. 5).

No contexto da Economia Regional (ER), que segundo Lima (2006, p. 66) preocupa-se

com as razões de distribuição heterogênea das atividades econômicas no âmbito de um determinado espaço geográfico, com o porquê de algumas regiões com economias antes florescentes entrarem em crise e em processo de decadência e com a proposição de normas de conduta para a consecução de determinados objetivos econômicos e sociais de desenvolvimento regional politicamente determinados.

Os autores ressaltam que a ER também se preocupa com a investigação e a busca de soluções para os problemas urbanos associados à concentração econômica e populacional na geografia local assim como o estudo da localização espacial das atividades produtivas com especial atenção às atividades industriais.

Ao longo dos anos, teóricos propuseram-se a estudar a dinâmica regional a fim de esclarecer problemáticas e possíveis soluções para o subdesenvolvimento de uma região. A exemplo disso, François Perroux (1955) e Jacques Boudeville (1970) desenvolveram a Teoria dos Pólos de Crescimento; Gunnar Myrdal (1957) com a sua teoria do Desenvolvimento Econômico e o Processo de Causação Circular Cumulativa; Desenvolvimento Desigual e Transmissão Interregional do Crescimento desenvolvido por Albert O. Hirschman (1958); A Teoria da Base de Exportação de Douglass C. North (1977); A Teoria Tradicional (Neoclássica) do Desenvolvimento Regional Funcional e Contraposições, de Philippe Aydalot (1985); entre outras teorias. Segundo Lima e Simões (2010), estes teóricos evidenciavam a irregularidade do processo de crescimento, baseados em conceitos de polarização da produção e em economias externas, e nesse sentido ressaltam a necessidade de intervenção estatal.

Lima (2006, p. 79) diz que, “a evolução recente da Teoria do Desenvolvimento Regional mostra que novas teorias atribuem importância destacada ao papel dos rendimentos crescentes no processo de desenvolvimento regional, bem como no que se refere ao papel da história neste processo”. O autor destaca também a importância do Estado e de suas políticas, em especial às políticas industriais e de comércio exterior. Em relação às políticas industriais, uma manifestação recente da intervenção de governos para influenciar a localização de empresas e novos investimentos em seus territórios se refere à concessão de incentivos que, em seu conjunto, sobressaem em relação às vantagens proporcionadas pelas economias externas e de aglomeração presentes nas regiões, estados e países relativamente mais desenvolvidos. Mediante essa intervenção tanto no ordenamento territorial e na regulação das externalidades negativas produzidas nas regiões mais dinâmicas da economia quanto na promoção do crescimento econômico e de desenvolvimento nas regiões mais atrasadas, é constatado a existência de um papel para o estado no desenvolvimento regional.

Nesse contexto, pode-se dizer o papel fundamental do governo para a articulação do desenvolvimento de uma região, mas é importante ressaltar que somente as políticas governamentais não são suficientes para ações efetivas para o desenvolvimento. É preciso que haja a articulação entre setores produtivos e também da criação de conhecimentos e tecnologias com o intuito de promover inovação tornando-se essencial a participação de forma organizada entre empresas e universidades.

4. Tripla hélice: governo, universidade e empresas

Diversos estudos em apresentado a importância da relação entre governo, universidade e empresas para a promoção da inovação, não só local, mas também como forma de disseminar

o conhecimento e tecnologias à sociedade como um todo com a proposta de viabilizar o desenvolvimento da nação.

A promoção do desenvolvimento através de relações entre instituições foi estabelecida por Jorge Sábato e Natálio Botana em 1968, que na época discutiam sobre como seria possível superar o subdesenvolvimento nos países da América Latina. No trabalho intitulado *Ciência e Tecnologia no Desenvolvimento Futuro da América Latina*, os autores propunham que fosse realizada uma “ação decisiva” no campo da pesquisa científico tecnológica para superar o subdesenvolvimento da América Latina e o seu acesso às condições de sociedade moderna. Eles defenderam que a região pode e deve participar no desenvolvimento científico-tecnológico. Com a compreensão quanto ao processo político de desenvolvimento nas sociedades contemporâneas, eles recomendaram que fosse inserido a ciência e a tecnologia na própria trama do processo de desenvolvimento (PLONSKI, 1995).

Sábato e Botana (1968) apresentaram em seu trabalho que a pesquisa científica e tecnológica é uma ferramenta poderosa para transformar uma sociedade, enfatizando que o avanço do conhecimento científico e tecnológico está transformando a estrutura econômica e social de muitas nações.

Foi então que esses estudiosos construíram o modelo teórico, conhecido atualmente como “Triângulo de Sábato”, onde foi proposta a relação entre três agentes responsáveis pelo desenvolvimento da sociedade: o governo, a estrutura produtiva e a infraestrutura científica e tecnológica. Neste triângulo, o vértice superior seria ocupado pelo governo, ligado por um lado ao setor produtivo e por outro à infraestrutura científica e tecnológica. A base seria a inter-relação entre o setor produtivo e a infraestrutura científica e tecnológica disponível no país (PLONSKI, 1995).

A partir desse modelo, muita discussão foi feita entorno da interação Universidade-Governo-Segmento Empresarial, e assim surge o modelo Tripla Hélice de Etzkowitz e Leydesdorff (2000) que se diferencia do modelo teórico de Sábato e Botana por ser um modelo interativo e híbrido das Três Hélices, havendo uma interconexão entre os atores: a universidade cria e faz a difusão de novos conhecimentos e tecnologias, a indústria produz e o governo garante a estabilidade da relação por meio de políticas governamentais. Este modelo baseado numa espiral onde ocorre também um fluxo reverso da indústria para a academia, demonstra a forma de integrar ciência, tecnologia e desenvolvimento econômico, em contraste com o modelo tradicional, onde o fluxo do conhecimento ocorria num sentido único da pesquisa básica para a inovação.

Independente do modelo, as relações entre o Universidade-Segmento Empresarial-Governo mostram-se bastante complexo entre seus agentes inclusive por estarem inseridos num ambiente muito dinâmico como é a sociedade atualmente. Pereira *et al* (2009) destacam que o processo de cooperação terá êxito somente se houver a participação irrestrita dos três segmentos (universidade, segmento empresarial e governo). E que

[...] a participação do Estado é fundamental, especialmente no repasse de verbas para a expansão do ensino e da pesquisa; e na difusão dos projetos de incentivos à inovação tecnológica e empresarial, a universidade, como fiel depositária do conhecimento, deve transformá-lo continuamente e repassá-lo ao segmento empresarial para que este possa transformá-lo e aplicá-lo para uso de toda a sociedade (p.143).

Em uma economia baseada no conhecimento, ações planejadas de interação entre as instituições pode ser eficiente e eficaz na geração e disseminação do conhecimento e tecnologia, com a finalidade de tornar uma sociedade apta a enfrentar desafios propostos em um ambiente tão dinâmico como se é atualmente.

5. Os Distritos de Inovação

A implantação dos Distritos de Inovação (DI), sob responsabilidade do INOVA@SC, é baseada seguindo um novo conceito de urbanismo e de sustentabilidade, oferecendo trabalho, moradia, estudo e lazer em um mesmo ambiente e dando prioridade à acessibilidade e mobilidade urbana, planejado para uma convivência respeitosa entre os pedestres, automóveis, bicicletas e meios alternativos de locomoção, com foco na priorização das pessoas.

O primeiro trabalho do Inova@SC foi dar organicidade às atividades do setor já existentes no Estado. Foi feito um mapeamento e, em seguida, estabeleceu-se foco a partir das vocações econômicas das diversas regiões de Santa Catarina, para utilizar a inovação como instrumento para aumentar a competitividade da economia catarinense.

O objetivo é criar um novo paradigma na área do desenvolvimento econômico e urbano, agregando inovação à matriz econômica dos 11 municípios (INOVA@SC, 2013a, 2013b):

- **Joaçaba:** A cadeia de produção de alimentos e agronegócio é uma atividade estabelecida no Vale do Rio do Peixe. A região hoje investe não apenas na produção, mas principalmente na geração e incorporação de tecnologias das cadeias do leite e manejo e transformação do agronegócio. A agroecologia é setor emergente. Outros setores portadores do futuro como engenharia biomédica, florestas e energia renovável e setor metal-mecânico estão em desenvolvimento, desde a formação de talento, geração de tecnologias e criação e atração de novas empresas.
- **Lages:** A região de Lages inovou fortemente no setor de turismo e serviços quando uniu o ecoturismo, o turismo de inverno, a incorporação da tradição e cultura gaúcha nos serviços aos turistas. A introdução da indústria vinícola de altitude é fortemente baseada em tecnologia de produção e distribuição. No setor industrial, a indústria papelreira e florestal buscam incorporar valor através de novas tecnologias e serviços logísticos. Com uma posição logística ímpar, a inovação baseada em serviços logísticos é setor emergente. Como setor portador do futuro, Lages tem o ecossistema ideal para desenvolver a biotecnologia, principalmente aplicada ao agronegócio.
- **São Bento do Sul:** A região é conhecida como um dos principais pólos moveleiros do país. Reinventando a sua cadeia produtiva, desde a produção de madeira e biomassa até a cadeia de suprimentos para a fabricação de móveis, incluindo modelos de negócio inovadores, posiciona São Bento como um centro de inovação no setor moveleiro e florestal. A inserção da cidade na cadeia automotiva e no setor metal-mecânico fomentam a inovação nestes setores. Outro setor emergente é a agricultura especializada (p.ex., floricultura e espécies tropicais), fortemente amparada por tecnologias e novos modelos de negócio e distribuição.
- **Blumenau:** A indústria têxtil e sua cadeia de fornecimento inclui a inovação nos materiais, design, modelos de negócio e canais como um exemplo da inovação em curso na região. A região tem forte tradição no setor de serviços, principalmente software, com produtos e plataformas inovadoras. No setor de turismo, Blumenau e região foram capazes de resgatar tradições européias e transformá-las em uma indústria do turismo ampla. Com uma forte estrutura educacional e também apoiada por setores industriais diversos (por exemplo, metal-mecânico), o pólo de inovação de Blumenau é multifacetado.
- **Jaraguá do Sul:** Uma cidade com um setor metal-mecânico e têxtil extremamente desenvolvido, competindo a nível mundial e fortemente baseado em tecnologia, posicionam Jaraguá do Sul como uma região que transforma a economia tradicional

através da inovação. A indústria de alimentos é outro portador do futuro, unindo uma indústria sofisticada à criação de uma base de conhecimento local.

- **Florianópolis:** Conhecida como o “Vale do Silício brasileiro”, Florianópolis hospeda um setor de TIC fortemente baseado na inovação tecnológica e interação com universidades. A capacidade empreendedora da região transformou a TIC no setor econômico mais importante, suplantando inclusive a tradicional indústria do turismo. A região desenvolve somente uma indústria limpa, baseada em tecnologia, aproveitando-se da grande capacidade de geração de conhecimento e tecnologia das instituições da região.
- **Joinville:** A região com a maior economia do estado é conhecida pelo provimento de serviços técnicos especializados em metais e polímeros. O setor metal-mecânico tem players que competem a nível global e desenvolvem tecnologia localmente. O setor de polímeros e a contribuição de outros setores como o têxtil e automotivo são amparados por uma estrutura educacional local que se desenvolve a passos largos. No setor de serviços, a TIC tem participação relevante. Um latente setor de biotecnologia está em desenvolvimento, com um ecossistema favorável ao setor.
- **Itajaí:** Com uma gama de serviços e modelos de negócio logísticos, a região é a referência do estado no setor logístico. O desenvolvimento da indústria farmacêutica e setores industriais com ênfase exportadora complementam uma das regiões com maior taxa de crescimento e inovação no estado.
- **Criciúma:** Baseado na tradição da indústria cerâmica e carbonífera, Criciúma é um pólo de inovação em materiais. O setor de construção acompanha o esforço de inovação na região. Os setores de energia e logístico impulsionam o desenvolvimento de novos modelos de negócio e introdução de tecnologias. Outros setores presentes na economia da região (p.ex., químico, polímeros, extração mineral) complementam o ambiente econômico da região.
- **Tubarão:** Com uma posição estratégica, Tubarão desenvolve modelos de inovação ligados ao setor logístico. Também tem no setor de energia um setor portador de futuro e ainda hospeda também uma parcela importante da indústria cerâmica do estado. Outros setores industriais especializados estão presentes (p.ex., molduras) como fator complementar das competências da região. No setor de serviços, a indústria do turismo hidromineral impulsiona o esforço inovador na região.
- **Chapecó:** A capital brasileira do agro-negócio é também um pólo de desenvolvimento e inovação do setor agropecuário e da indústria de alimentos. A região gerou alguns dos maiores grupos de agronegócio do país que, atualmente, agregam valor pelo investimento em P&D e oferta de novos produtos e serviços a mercados em todas as partes do mundo. Devido a posição estratégica, próxima à fronteira, tem o setor logístico como portador de inovação. A sua tradição no setor de turismo de negócios indica o potencial inovador na área de serviços.

Os DIs terão modelos específicos de implantação levando em consideração as especificidades do município, conforme apresentado anteriormente. Segundo o Inova@sc (2013a) o primeiro trabalho foi dar organicidade às atividades do setor já existentes no Estado. Foi feito um mapeamento e, em seguida, estabeleceu-se foco a partir das vocações econômicas das diversas regiões de Santa Catarina, para utilizar a inovação como instrumento para aumentar a competitividade da economia catarinense.

Segundo Harger *et al* (2013, p. 7), o “Distrito de Inovação como um ambiente inovador está baseado em características que demonstram o potencial de desenvolvimento e de maturação desse espaço voltado à inovação” e deve-se levar em conta os seguintes aspectos (HARGER *et al*, 2013, p. 7-8):

- O primeiro aspecto traduz a importância do conhecimento, que deve ir ao encontro do incentivo à pesquisa conduzida pelas universidades e dos institutos de ciência e tecnologia. Essa ação já demonstra o posicionamento da universidade frente à aquisição e compartilhamento do conhecimento, e no caso de Distrito de Inovação, essa iniciativa torna-se ainda mais importante para o potencial inovador do ambiente.
- O segundo ponto de análise identifica as universidades e institutos de pesquisa na interação efetiva das empresas com o setor produtivo, em que há transferência de conhecimento e tecnologia para o mercado com proteção da propriedade intelectual. Mais uma vez as universidades promovem a condução na geração do conhecimento, servindo de ponte para a academia e o mercado, devendo conduzir iniciativas inovadoras e com potencial de aceitação no mercado.
- Um terceiro aspecto está voltado à criação de políticas públicas favoráveis, em que o governo utiliza-se de ferramentas de incentivo à inovação, facilitando o acesso de empresas a novas tecnologias. Esse seria o principal aspecto de intervenção do Estado na promoção de um Distrito de Inovação, devendo apoiar por meio de incentivos fiscais e servindo de facilitador da construção do ambiente.

Os próximos aspectos destacam ações voltadas ao estímulo à meritocracia, que vão ao encontro de iniciativas de gestão do próprio distrito e das empresas que estão inseridas:

- Flexibilidade e mobilidade de recursos humanos, estando eles adaptáveis e flexíveis e podendo atuar em redes sociais de trabalho;
- Criação de um ambiente que incentiva atitudes de risco e tolera falhas, traduzindo a capacidade de encarar o erro como parte do processo de aprendizado para empreender;
- Geração de capital de risco inteligente, que promova uma cultura do investimento consciente;
- Promoção de um ambiente de livre mercado, a partir do desenvolvimento de um ambiente competitivo e aberto tanto a intervenções externas quanto locais;
- Colaboração entre empresas, governo e ONGs, por meio da manutenção da relação colaborativa entre todos os envolvidos no fomento do ambiente inovador; e
- Desenvolvimento de serviços especializados para a infraestrutura dos negócios.

A articulação para um programa dessa magnitude requer um planejamento bem elaborado por parte dos responsáveis, nesse caso o governo. Com o intuito de tornar Santa Catarina no Estado Máximo da Inovação, o desenvolvimento regional está diretamente atrelado a esse objetivo do governo.

A iniciativa do governo se mostra fundamental dentro do contexto da viabilização da implantação dos Distritos de Inovação. Mas ressalta-se que é necessária a articulação de outras organizações como universidades, centro de pesquisas, fundações de apoio e a iniciativa privada para que o projeto seja efetivado. Os municípios estrategicamente escolhidos terão o papel de disseminar seus conhecimentos adquiridos às regiões que lhe cercam, promovendo um desenvolvimento que engloba todo o estado.

6. Considerações finais

No caso do Distrito de Inovação, uma iniciativa do governo do estado, apresenta-se claramente a importância de ações governamentais quando se trata do desenvolvimento de uma região. É possível notar também seu papel articulador, uma vez que são suas ações que irão conduzir o processo de implantação desse projeto.

Cabe ressaltar a importância do planejamento prévio no que diz respeito às localidades onde serão implantadas esses DIs. Resgatando o que foi mencionado por Lima e Simões (2010), o processo de desenvolvimento econômico é um processo bastante irregular, e é nesse sentido a importância no que tange os municípios estrategicamente selecionados, pois eles serão responsáveis por disseminar o desenvolvimento por todo o estado, tornando o processo de desenvolvimento menos heterogêneo. Conforme Harger *et al* (2013), existem alguns aspectos que merecem atenção quanto à gestão das empresas e universidades para tornar o ambiente propício à geração de inovação.

Salienta-se o aspecto único de cada DI, com a valorização da vocação municipal. Essa vocação municipal será o eixo das atividades a serem desenvolvidas por parte das universidades em suas pesquisas e oportunidades para as empresas já estabelecidas. Além disso, possibilita a recuperação da decadência ou estagnação de determinadas regiões, resgatando vocação local de forma inovadora.

A difusão do conhecimento, papel representado de forma conjunta entre universidades e empresas, mostra-se fundamental para o desenvolvimento regional já que novas tecnologias e soluções surgirão por meio do conhecimento gerado. Assim, é fundamental que haja a interação entre esses agentes assumindo seus papéis diante à sociedade que lhes cercam.

Por fim, pode-se dizer que os DI são políticas de governo, que são estabelecidos com base na tripla hélice e tem papel estratégico para o desenvolvimento regional de determinadas localidades – tornando-as pólos tecnológicos, a fim de disseminar o desenvolvimento nas adjacências destas localidades. O papel do governo é essencial, já que a iniciativa do DI foi sua, mas sem parcerias estratégicas com instituições de ensino e pesquisa e o segmento empresarial não seria possível viabilizá-lo. Além disso, houve um cuidado em ater-se às especificidades de cada região, valorizando o potencial de cada localidade.

REFERÊNCIAS

AYDALOT, P. *Economic régionale et urbaine*. Paris: Econômica, 1985.

BOUDEVILLE, J.R. *Les spaces économiques*. Press Universitaires de France, Paris, 1970.

ETZKOWITZ, H; LEYFRSDORFF, L. THE DYNAMICS OF INNOVATION: from national systems and "mode 2" to a triple helix of university-industry-government relations, 2000 . Disponível em: <<http://www.leydesdorff.net/rp2000/>>. Acesso em: 27 maio 2012.

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Plano SC@2022*. Disponível em: <<http://issuu.com/sustentavelsc/docs/sc2022>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

HARGER, C. A. *et al*. O Papel da Universidade Na Capacidade Absortiva de Ambientes de Inovação: Um Olhar para os Distritos de Inovação de Santa Catarina. *Anais XIII Colóquio sobre gestão universitária nas Américas*, Buenos Aires, 2013.

HIRSCHMAN, A. O. *The strategy of economic development*. New Haven: Yale University Press, 1958.

INOVA@SC. *Inova@SC entra em sua segunda fase*. Disponível em: <<http://www.inova.sc.gov.br/?p=2818>>. Acesso em: 20 nov. 2013a.

_____. *Polos de Inovação*. Disponível em: <<http://www.inovasc.org.br/portfolio-archive/>>. Acesso em: 20 nov. 2013b.

LIMA, A. E. M. A Teoria do Desenvolvimento Regional e o papel do Estado. *Revista Análise Econômica*, Porto Alegre, n. 24, p. 65-90, 2006.

MYRDAL, G. *Economic theory and under-developed regions*. Gerald Duckworth & CO. LTD: London, 1957.

NORTH, D. C. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: Schwartzman, J. *Economia regional: textos escolhidos*. Cedeplar, Belo Horizonte, 1977.

PEREIRA, M. F. *et al.* Transferência de Conhecimentos Científicos e Tecnológicos da Universidade para o Segmento Empresarial. *Revista de Administração e Inovação – RAI*. São Paulo, v. 6, n.3, p.128-144, set./dez. 2009.

PERROUX, F. A Economia do século XX. Porto: Herder, 1967.

PLONSKI, G. Cooperação empresa-universidade na Ibero-América: estágio atual e perspectivas. *Revista de Administração*. São Paulo, v. 30, n. 2, p.65-74, abril/junho 1995.

SÁBATO, J.; BOTANA, N. *Ciência e Tecnologia no Desenvolvimento Futuro da América Latina*. 1968. Disponível em: <http://docs.politicasceti.net/documents/Teoricos/Sabato_Botana.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2013